

A LINGUAGEM DE NOSSA ÉPOCA – o relato de uma experiência com o jornal impresso na formação inicial

Lyana Virgínia Thédiga de Miranda¹

Pense rápido: qual o lugar do jornal na atualidade? Como resposta para esta pergunta não espere um rebote sem hesitação. É preciso encarar que uma das (se não a primeira) respostas que vem a cabeça não será propriamente uma saída, mas uma provocação: depende. Então, coloque a indagação em um contexto: pergunte a um transeunte de meia idade a caminho do banco; a um acadêmico, de um curso qualquer, munido de fones e estudando em seu *notebook* na biblioteca; a um jovem na fila, esperando o ônibus que o levará ao trabalho. Assim, do ‘depende’ teremos respostas que pendem, no mínimo, para um nunca, um de vez em quando ou, ainda, um sonoro “o que?”.

Se as curvas da questão inicial já estão previamente delimitadas, por que, então, investir no jornal impresso, ou ainda, no jornal escolar, em tempos de notícias *on-line*, à distância de um clique, ou melhor, de uma passada de dedos no *touchscreen*? – nesse momento, em que o que parece óbvio toma outros contornos quando exposto, instigado, debatido, e a questão que inicialmente se pautava nos usos, ou melhor, no consumo de uma mídia considerada agonizante, mudou de figura, assim como a pergunta. Logo, pense novamente: por que, entre as possibilidades de se manusear e conhecer técnicas e linguagens dos diversos meios que subsistem atualmente – dos digitais aos analógicos, dos de massa

¹ Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Superior de Brasília. Mestranda na linha Educação e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Monica Fantin. E-mail: lyanathediga@gmail.com

aos sociais –, o jornal foi o que incitou maior participação quanto à sua confecção e possibilidade de uso no contexto escolar?

Assim, expor, instigar e debater será o objetivo do presente relato. Com nuances de reflexão, entrelaçará questões que incidem sobre a práxis pedagógica na escola contemporânea – a inclusão das mídias no fazer dos professores e o seu posicionamento frente a essa inclusão, nesse caso no de futuras professoras² –, com temas que permeiam o olhar de quem observa e escreve (como não poderia deixar de ser), repleto de demandas que entretecem comunicação e educação, tendo como pressuposto a noção que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2011, p. 91).

Tendo como gatilho uma oficina sobre as possibilidades do jornal como ferramenta pedagógica – pautada nos preceitos de Freire e Freinet –, ministrada no curso de graduação em pedagogia, pretende-se esboçar uma reflexão que se engaje em superar o estabelecimento instrumental, descontextualizado e compelido das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) – seja na formação inicial ou continuada –, assim como o deveria ser a própria inclusão das mídias no contexto escolar. Nessa busca, pondera-se ser preciso se aproximar, sobretudo aqui, de conceitos, ideias e descrições que acompanham as celeumas escolares em diversas épocas.

1 MEIOS E TÉCNICAS MIDIÁTICAS NA ESCOLA: EMERGÊNCIA OU ALEGORIAS PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO?

Cada época tem uma linguagem e utensílios que lhe são próprios.

Célestin Freinet, *O Jornal escolar*

² Para que não se incorra em dúvidas ou polêmicas, desde já se deixa claro que a referência às acadêmicas, no feminino, se deve ao fato de que o público da disciplina foi formado apenas por mulheres.

Na primeira metade do século passado, o pedagogo francês Célestin Freinet foi pioneiro em adotar o jornal e suas técnicas em sala de aula com as crianças. Em um momento pós-guerra, no qual o meio impresso, mídia principal na ocasião, assumiu papel preponderante³ como veículo para a disseminação de notícias sobre os diversos acontecimentos mundiais, Freinet percebeu que a promoção do jornal escolar poderia transformar os modos de fazer e ver dentro da escola. E mais: com a apropriação, tanto dos aspectos técnicos quanto da linguagem midiática da qual o meio se servia, a entrada do jornal naquele ambiente se mostrava como uma oportunidade para situar artifícios pedagógicos escolares – que no momento (como hoje?) centravam-se no professor e no livro, propostas consideradas, por ele, como ultrapassadas (FREINET, 1974, p. 6) –, no período vigente.

Mais de sessenta anos depois da afirmação e da atuação do pedagogo francês, linguagens e utensílios se multiplicaram, ampliando formatos, acessos e modos de pensar a inserção das mídias e das TIC na escola. Hoje, as notícias do jornal já não se resumem aos estáticos impressos, vendidos nas bancas em grandes dobraduras que sujam as mãos e cuja vida curta os alçava então ao *status* de embalagem ao final do dia; os programas de rádio não dependem somente da perfeita sintonia buscada, com olhar clínico, pelo *dial*; e a TV abriu caminho e saiu do pedestal da sala de estar para estar em outros lugares – do quarto à internet, do armário à parede, do celular ao ônibus.

³ Sabemos que o jornal não foi o único meio de comunicação utilizado para disseminar informações durante as duas grandes guerras. O rádio, juntamente com alguns registros audiovisuais, especificamente na Segunda Guerra Mundial, também tiveram grande importância como veículos para a propagação de notícias. Contudo, devido à massificação do jornal, amparada em características como o baixo custo, a linguagem local e a credibilidade da informação – disseminada por um meio que ‘reinou absoluto’ por décadas, antes dos demais –, o jornal ainda era considerado, em meados do século XX, o meio principal para divulgar e formar opinião.

Com essa expansão, tudo – dos meios e técnicas de mídia (em especial os impressos) às tecnologias de comunicação, passando pelos próprios usuários – é, volta e meia, considerado caduco e ultrapassado. E como em uma correlação entre a idade humana e a dos cachorros (na qual um ‘ano canino’ equivale a sete ‘anos humanos’), ferramentas pululam em uma velocidade tal que as técnicas pedagógicas parecem sempre se situar um passo atrás dos hipermediáticos *tablets*, *smarthfones* e *laptops* de toda a sorte. Nesse turbilhão de ‘novidades’, o que era afirmação torna-se pergunta: quais seriam, então, as linguagens e utensílios próprios da nossa época? Mantenha a questão tilintando na mente.

Vamos à Freinet. Em uma breve incursão histórica, o pedagogo francês justifica a importância de se adotar e refletir na escola os modos de fazer típicos dos meios de comunicação, naquele caso o jornal, de forma a adequar, ali, meios e contextos. Logo, admite o fazer pedagógico como uma ação ligada aos artifícios e à produção da técnica de comunicação vigente, ambas advindas do que ele acolhe como uma linguagem do presente.

Os nossos avós utilizavam “manuscritos” e a pena de pato numa escola onde a autoridade do professor se manifestava através das “reguadas” e pelas orelhas de burro.

Os progressos técnicos da mecânica e da produção editorial criaram para a nossa geração a era dos manuais escolares e da caneta metálica, com os métodos que o seu emprego tornava convenientes: trabalhos de casa, lições, cópia de textos, exercícios cujo ritmo era soberanamente marcado pelo educador e pelo livro.

Estamos actualmente na aurora de um novo período: a imprensa impôs a tal ponto a sua soberania que mesmo o manual mais rico não passa de um ‘ersatz’ da riqueza gráfica posta à disposição de todos pela técnica contemporânea (FREINET, 1974, p. 6).

Em tempos de pluralização dos canais, formatos e dispositivos de comunicação, móveis ou estáticos, cada vez mais onipresentes e, por que não, onipotentes (quem nunca ouviu ou usou a expressão ‘oráculo’ para se referir ao Google ou alterou a

rota rumo ao trabalho só para buscar o celular esquecido em casa?), ampliam-se mais do que formas e ferramentas, técnicas e linguagens em vigor. Nesse todo, complexo e instável, a própria percepção do educando, do educador e da educação torna-se ampliada. E uma angústia aflora: como, então ‘preparar o terreno’, e preparar-se, para o advento de uma ‘nova’ pedagogia?

Para pensar a inserção de tais métodos no fazer pedagógico dos dias de hoje, como proposto por Freinet, é preciso levar em conta, antes, uma situação escolar que se polariza: de um lado, ela (ainda) afirma a necessidade da adoção de uma prática que busque a modernização⁴ da escola, por meio da apropriação integral das técnicas e linguagens atuais; por outro, tal necessidade torna-se, mesmo malparando ser um equívoco⁵, tema de políticas governamentais que incentivem e promovam as mídias, ações centradas na inserção meramente instrumental. E, entre uma proposição e outra, lá estarão professores e alunos.

Para dificultar o que já está confuso, a inclusão de técnicas midiáticas na escola tende a ser pensada a partir da inserção das ferramentas por motivos que não a consequência, ou demanda por elas. Assim, duas questões, apontadas pelo autor como complementares na inserção do jornal escolar, são alçadas ao lugar de tema central: “Que serviços pode prestar-nos? Que caminhos pedagógicos nos abre ou nos promete?” (FREINET, 1974, p. 5). Indagações que são tratadas como ato primordial, ponto de partida para a adoção e para a presença das mídias na escola, que outrora se constituíam como parte ou consequência de uma totalidade, hoje

⁴ Baseada no pensamento de Paulo Freire (2011), modernização implica transformação e desenvolvimento em todos os âmbitos de uma estrutura. O pedagogo alerta que, embora “todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento” (FREIRE, 2011, p. 73).

⁵ Para Freinet não há como incentivar a inserção das técnicas e métodos de comunicação na educação sem que se leve em consideração os aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais envolvidos em tal adoção. O autor pondera que “as vantagens sociais seriam muito frágeis se não tivessem como base uma reconsideração psicológica e pedagógica: e esta não seria digna de confiança se não envolvesse simultaneamente e de um modo natural os aspectos sociais do problema.” (FREINET, 1974, p. 63).

endossam a facilidade para se pensar apenas nas possíveis vantagens, quase sempre imediatas, e por isso mesmo efêmeras, no estabelecimento de tais práticas. Ao mesmo tempo, mascaram a pergunta que precede e constitui as demais, e que – como um mantra hipnótico, continua ecoando: quais são, em meio à confluência de expressões e convergência de formatos, as linguagens e utensílios próprios da atualidade?

Assim, pensar sobre tal indagação nos parece essencial quando ponderamos um processo pedagógico adequado ao seu tempo, possível, senão, por meio de uma práxis que verdadeiramente se dê como um diálogo entre ação e reflexão. Um duplo movimento que requer a “problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la.” (FREIRE, 2011, p. 65). E será por integrar, e por vezes alicerçar tal realidade, que questões sobre mídias e linguagens, seguindo os preceitos da mídia-educação, devem ser pensadas, trabalhadas e erigidas na escola. Prerrogativa que pode (e deve) ser impulsionada, e refletida, já na formação inicial.

2 LÁPIS, CANETA, PAPEL E... AÇÃO! A BUSCA PELA LÓGICA EM UMA OFICINA ANALÓGICA

Como visto até aqui, foi por campear uma pedagogia “aberta para o mundo e para a vida” que Freinet se valeu da adoção de técnicas de comunicação como “caminhos pedagógicos” (FREINET, 1974, p. 5) calcados sobre rotas sociais, culturais e históricas. Ativista e autoral, o professor francês vislumbrou, em uma era pré-internet, a introdução das mídias – que àquela altura se concentravam no uso do jornal, mídia precípua por excelência – não só como ferramenta ou método dentro das aulas, mas como possibilidade de transformar o fazer pedagógico e a escola em um

sistema de relações, despertando nas crianças e jovens a consciência de estar imerso, inserido, de ser parte do mundo.

Muito além de aliar artifícios e práticas escolares às características de um canal midiático, a inserção da técnica do jornal escolar no ensino formal buscou incentivar a compreensão do processo de comunicação social, constituindo-se, assim, como parte de um novo contorno pedagógico, que viria a ser batizado de Pedagogia Freinet. De forma resumida, a Pedagogia Freinet se pauta em procedimentos e práticas que promovem o trabalho e a aprendizagem sobre produtos e serviços, calcados em ações cooperativas e intuitivas capazes de aguçar a curiosidade dos alunos (FREINET, 1974), seja pela construção das notícias ou pela troca de correspondências.

Com tal pedagogia, buscou-se (e ainda se busca) uma forma de ensino ou método de trabalho que adequasse e desvelasse a realidade vivida por alunos, professores e escola. Desta forma, mais do que renovar o ensino da língua, incitando a escrita livre e natural, incentivar o contato e a troca de informações com outras escolas e armazenar as notícias escolares, Freinet aspirou atualizar as práticas pedagógicas realizadas na escola, buscando aliá-las às necessidades ou imperativos contemporâneos de comunicação, uma “reviravolta pedagógica total” (FREINET, 1974, p. 8). Incentivando uma práxis concreta, substituiu a rotina autoritária pelo diálogo – entre alunos e alunos, professores e alunos, técnicas e homens – e adequou o seu fazer pedagógico de forma a agenciar “a intercomunicação e as trocas” (FREINET, 1974, p. 6).

No rastro de Freinet, e aliada aos preceitos da mídia-educação – que pondera, entre outras coisas, a integração das diversas práticas midiáticas no fazer escolar como oportunidade para se pensar e agir, já na formação inicial, ante uma perspectiva pedagógica que acolha novos significados culturais e de ensino-aprendizagem (FANTIN, 2006) –, é que se propôs a aproximação

das acadêmicas de pedagogia com métodos e linguagens próprios das mídias. Realizadas por ocasião da disciplina Comunicação e Educação⁶, cujo objetivo era mesclar princípios teóricos e práticos resultantes do entrelaçamento da educação com a comunicação, além de promover o debate sobre o conhecimento e a aplicação didático-metodológica das mídias no contexto educativo, da formação à atuação, as oficinas – de audiovisual, *Prezi*⁷, vídeo em *stopmotion* e jornal – buscaram servir como ponto de partida para a realização de propostas que incentivassem o uso, a confecção e a reflexão no e sobre o uso das mídias com as crianças.

Mas foi a oficina de jornal impresso, pautada nas questões propostas e em Freinet (a fim de refletir e atualizá-las), que será exposta neste texto. A motivação para tal não foi uma, mas duas: a possibilidade de pensar sobre as propostas para a adoção de um veículo ‘antigo’ frente as novas tecnologias que, a cada dia, preenchem, mesmo que de forma errônea e equivocada, os espaços escolares, e o papel do mídia-educador no ambiente de formação inicial.

O passo a passo para uma oficina de jornal impresso

O contato prévio com as acadêmicas de pedagogia, com as quais seriam realizadas as oficinas, permitiu um breve diagnóstico sobre o *público-alvo*: a turma, além de numerosa, era composta por duas classes diferentes, sobretudo no que diz respeito à idade, atuação profissional e formação das alunas – uma parte significativa delas havia cursado o antigo curso magistério com a habilitação vinculada ao Ensino Médio –, que se fundiram para a realização da

⁶ A disciplina *Educação e Comunicação* (MEN 7113) foi ministrada pela primeira vez, como disciplina obrigatória do currículo de Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre de 2012, sob a responsabilidade da prof^a Dr^a. Monica Fantin.

⁷ O *Prezi* é um *software on-line* com características da chamada web 2.0, utilizado para a criação coletiva ou individual, armazenamento e divulgação de apresentações e conteúdos.

oficina. Com esse contexto, foi possível perceber que, naquela sala, não havia uma unidade, ou uniformidade. Mas isso, certamente, não se configurava como um obstáculo ou limite. A barreira estava em como introduzir os preceitos de uma das técnicas mais antigas do jornalismo e da imprensa de forma a apurar o tempo disponível – uma aula de 4h – e ilustrar, mesmo que inicialmente, as escolhas, normas e responsabilidades que envolvem o fazer jornalístico. E mais: havia uma resistência quanto ao uso das tecnologias, seja por falta de prática ou por “falta de criatividade”, como mencionado por uma aluna.

Então, como fazer para que houvesse participação que se estendesse à criação de um produto de forma a alicerçar a futura produção na escola e os princípios do meio? Assim, optou-se por dividir a oficina em dois momentos: o primeiro ilustrando e pontuando as técnicas, linguagem, modos e características que fazem do jornal um dos meios para a formação social e cultural e, o segundo momento, voltado para a confecção mesma de um periódico para e com as crianças, mas de uma forma ‘artesanal’.

Na primeira parte da oficina, as acadêmicas foram estimuladas a pensar o lugar do jornal na contemporaneidade e no cotidiano delas. Para estimular o debate, foram levados dois dos principais jornais catarinenses⁸. Após algumas provocações, elas puderam perceber que tal meio está mais presente no dia-a-dia da população, e no cotidianos delas mesmas, do que elas imaginavam, ou melhor, percebiam. Um dos exemplos foi o jornal considerado popular – com valor reduzido, leitura facilitada e de fácil acesso, por meio do qual as alunas alcançaram que o meio ‘caduco’ está mais vivo do que se imagina.

⁸ De acordo com o grupo RBS, responsável pelos jornais *Hora de Santa Catarina* e *Diário Catarinense*, ambos são considerados líderes sendo o *Diário Catarinense* líder em circulação e leituras em Santa Catarina e o *Hora de Santa Catarina* líder em circulação e leituras na região metropolitana de Florianópolis. Disponível em: <<http://www.rbs.com.br/midias/index.php?pagina=jornal>> Acesso em: 10 set. 2012

O momento ‘revelação’ teve sequência quando as alunas foram instigadas a comparar e intuir as possíveis diferenças entre os dois periódicos. Assim, questões que passavam despercebidas foram levadas ao debate. Por que um é maior que o outro? Por que há mais fotos? E a qualidade do papel? O número de páginas? Por que a forma de escrita é diferente? E os assuntos? Com tais questões, elas puderam perceber que, apesar de se tratar de um mesmo veículo – o jornal –, há diferenças que marcam as edições, e demarcam estereótipos.

O passo seguinte foi a apresentação, no *Prezi*⁹, de um apanhado teórico e técnico que explorou a demonstração de particularidades sobre a forma e o conteúdo de um periódico. Para tanto, as alunas foram, mais uma vez, instigadas a pensar no conceito inerente a um meio jornalístico de comunicação. A forma escolhida para a introdução foi a apresentação do premiado comercial do jornal Folha de São Paulo¹⁰. A partir dele, foi possível debater sobre as implicações presentes na produção de um veículo que se pauta em notícias, ou seja, na transmissão de fatos da forma mais verídica possível. Com tal exemplo, as acadêmicas puderam perceber a importância, responsabilidade e relevância social de um veículo de comunicação, seja ele em qual instância for – nacional, regional ou escolar. Desse modo, pode-se perceber que, impresso ou digital, hoje ou amanhã, tais características continuam fortes e importantes.

Partiu-se, assim, para os exemplos. Como, na escola, o jornal pode ser adotado? Algumas particularidades relativas ao formato das notícias e as formas de escrevê-las, as fotos, aos detalhes sobre

⁹ A apresentação pode ser acessada, copiada e remixada, e encontra-se disponível em: <<http://prezi.com/vypjo0s2jtck/oficina-o-jornal-e-suas-possibilidades-na-escola/>>

¹⁰ Ficha técnica: Ano: 1987. Título: Hitler. Agência: W/GGK. Produto: Folha de S. Paulo. Criação e redação: Nizan Guanaes. Direção de criação: Washington Olivetto. Refilmado pela Agência Africa para a Folha de São Paulo, o comercial foi lançado em setembro de 2010. Esta versão mais recente encontra-se disponível na internet.

posicionamentos, além de dicas para a utilização de imagens, foram elucidadas, mas sempre de maneira a manter uma atmosfera para o questionamento de tais escolhas, e não como imposição. Nesse momento, também foram apresentadas, de forma breve e essencial, algumas questões concernentes à captura de imagens.



Fig. 1 - Apresentação sobre os preceitos básicos do jornal

O primeiro momento da oficina foi realizado de forma a incentivar uma maior percepção sobre o meio jornal, o conhecimento das técnicas, métodos e intenções, mas também para aguçar a vontade de fazer. A segunda parte, chamada de 'mãos na massa' teve esse intuito. Munidas de papel no formato A3, régua escalonadas¹¹, canetinhas coloridas e muito incentivo, as alunas se dividiram em grupos. Era hora de criar!

Sentadas no chão ou espalhadas em rodas de carteiras, a proposta, que – devido ao tempo reduzido – deveria sugerir a primeira página de um jornal escolar construído pelos alunos com o auxílio da professora, teve como princípio a apresentação de um

¹¹ As régua escalonadas nada mais são do que régua cujas proporções seguem os formatos do jornal, de acordo com a medição cm x coluna, comumente utilizada nos meios jornalístico e publicitário, em que os centímetros dizem respeito à altura e as colunas são os nichos nos quais os textos se encaixam. Por exemplo: um jornal de formato *standard* possui 52cm x 6 col, enquanto um jornal tabloide 35cm x 5 col.

título, sugestões de notícias, organização e imagens. Como uma desenvoltura empolgante, ideias instigantes e produção pertinente, os grupos, ao final, apresentaram suas produções.

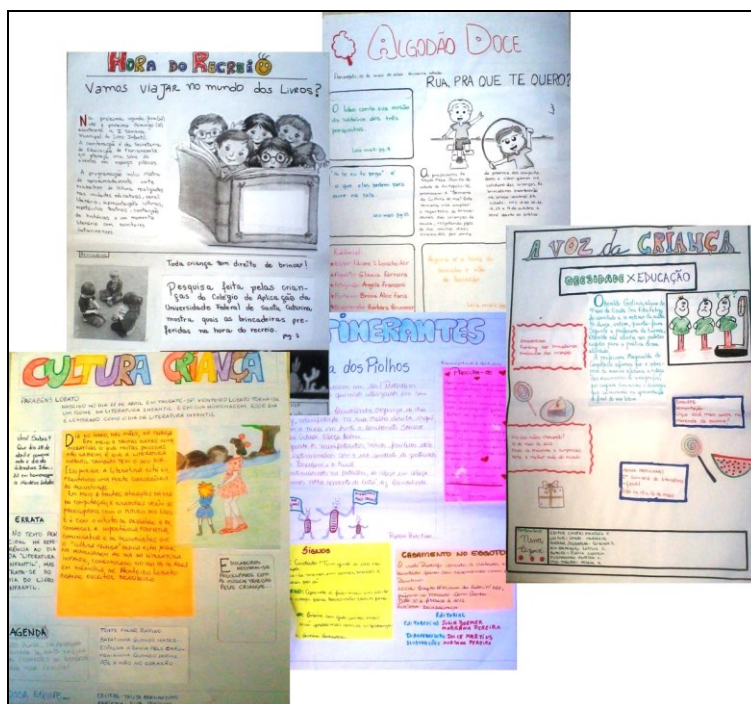


Fig. 2 - Jornais produzidos pelas acadêmicas

Para a realização do produto, as acadêmicas dividiram as tarefas de acordo com o que seriam demandadas em uma redação básica: editor, redator, repórter, pauteiro e diagramador. Cabe ressaltar que cada função, escolhida por elas, foi desempenhada não de forma individual, mas perante escolhas coletivas. Assim, em um período curto, mas intenso, as alunas conseguiram pensar, dialogar, projetar e conceber um 'esboço' de um jornal escolar, que poderia facilmente ser empregado na escola, com os alunos.

3 ALGUMAS BREVES CONSIDERAÇÕES

Por se configurar como um relato, este texto poderia facilmente se ater aos fatos e ser encerrado sem que se tivesse a

obrigatoriedade de um desfecho analítico, uma conclusão que encerre a discussão. Mas, como o objetivo primordial foi o de expor, instigar e debater, enfim, propor discussão por meio do tema da oficina de jornal, por que não incitar mais perguntas? Assim, após toda a criação, a produção e a participação em uma oficina analógica, ou seja, pautada no papel e na caneta, uma dúvida ficou, ou melhor, manteve-se. E, como uma sombra que insiste em seguir o andarilho sob o sol, a pergunta que se realça e se renova já é velha conhecida desse relato: quais são, em meio à confluência de expressões e convergência de formatos, além do crescente acesso às mídias digitais, as linguagens e utensílios próprios da atualidade? E mais: por que, entre tantas opções, o jornal escolar ainda atrai a atenção e açoda a participação, nesse caso das acadêmicas em pedagogia, vislumbrando ser uma possibilidade pedagógica na escola?

Uma pista parece ser pensar **o contexto**. O contexto das acadêmicas, dos alunos, da própria escola na atualidade. Para o escritor e acadêmico Aldous Huxley (1977) formas de pensamento e modos de atuar são enraizados e ultrapassam gerações criando o que ele denominou “prisões semânticas”, que nada mais são do que “sistemas de ordem e significado [...] nas quais estamos confinados hoje em dia e que não nos permitem pensar claramente sobre diversos assuntos” (HUXLEY, 1977, p. 162) e da qual a escola e os professores também não escaparam.

Sem pensar tal dinâmica, a simples adoção das mídias no fazer pedagógico, como uma obrigação descontextualizada e mecânica, pode se tornar decrépita ao passo que as prisões semânticas podem transformar a mais antiga pena de pato na tecnologia mais atual e adequada. O que fazer?

Abrir o foco e perceber o entorno difuso e confuso, no qual estamos imersos, pode ser uma opção. Para Freire, será pela conscientização da realidade, “que não pode dar-se a não ser na

práxis concreta” (FREIRE, 2011, p. 105), aliada a reflexão da linguagem – ambas carregando em si um sentido social, humano, nunca individual –, que será possível pensar o fazer pedagógico como um “re-fazer” (FREIRE, 2011, p. 109) que, consciente das marcas da geração anterior,

[...] não significa, contudo, repeti-lo tal qual, mas fazê-lo de novo, numa situação nova, em que novos ângulos, antes não aclarados, se lhe podem apresentar claramente; ou se lhe abrem caminhos novos de acesso ao objeto (FREIRE, 2011, p. 109).

Desta forma, podemos deduzir que não é a forma, formato ou ferramenta que situará o fazer pedagógico, ou a linguagem, como atual ou decrépita. O que parece importar é o modo de fazer, re-fazer, co-fazer. Seguindo Paulo Freire (2011), tal movimento se dará apenas por meio da conscientização do fato, este realizado após a tomada de consciência sobre algo e que, por sua vez, não pode ser confundido como mera apreensão sobre a sua presença. Assim, a conscientização se dará pela consideração da existência desse algo e das suas relações e implicações dentro de um todo, ou seja, pela adoção e incidência de um olhar crítico e criador sobre ele – do mero jornal impresso ao mais moderno programa digital.

REFERÊNCIAS

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Técnicas de Educação. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Estampa, 1974.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HUXLEY, Aldous. **A situação humana**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

Recebido em 26/09/2012

Aprovado em 16/11/2012